

Fiona Barton

A Viúva

Tradução
Victor Antunes

 Planeta

Estimado leitor,

Tenho passado muito tempo a observar as pessoas. Não apenas em cafés e estações de caminho-de-ferro, mas como actividade profissional. Na minha qualidade de jornalista, sou uma observadora profissional – uma «observadora por formação», como costumamos dizer em tom de gracejo – atenta à linguagem corporal e aos tiques verbais que nos individualizam e tornam interessantes para os outros.

Ao longo dos anos, entrevistei vítimas e agressores, pessoas famosas ou comuns, afectadas pela tragédia ou tocadas pela boa sorte. Curiosamente, as memórias que retive nem sempre foram dos que se encontravam na ribalta. Em geral, são os da periferia, os actores discretos do drama, que continuam a povoar as minhas recordações.

Nos grandes julgamentos – casos de crimes terríveis e revoltantes que enchem as primeiras páginas dos jornais – dei por mim a observar a mulher do homem sentado no banco dos réus e a interrogar-me sobre o que ela de facto saberia, ou se permitiria saber.

Os meus caros leitores também a viram nos noticiários. Podem ter de observar com cuidado, mas ela está lá, atrás do seu homem, nos bancos do tribunal. Acena com a cabeça e aperta-lhe o braço quando ele proclama a sua inocência, pois acredita nele.

Mas o que acontece quando as câmaras se afastam e deixam de estar sob os olhares do mundo?

Lembro-me muito bem de duas pessoas que partilhavam uma empada, como qualquer outro casal da mesma rua, mas incapazes de trocar uma

palavra. O único som era o ruído dos talheres sobre a porcelana, enquanto se debatiam com as dúvidas que se esgueiravam insidiosamente por debaixo da porta da sua residência suburbana.

Na ausência de testemunhas e de factores de distração, as máscaras acabam por escorregar e cair.

Queria – e precisava – saber como aquela mulher encarava a ideia de o marido – o homem que ela tinha escolhido – ser decerto um monstro.

E assim nasceu Jean Taylor. É a mulher silenciosa que tantas vezes vi nos bancos do tribunal, a mulher que observei a olhar com atenção, desprovida de expressão, enquanto o marido presta o seu depoimento.

Neste meu primeiro livro, Jean revela as suas versões, a pública e a privada, de um marido adorado e de um casamento feliz revolvido de alto a baixo quando uma criança desaparece e tanto a polícia como a imprensa se instalam à sua porta.

Espero que apreciem este livro. Adorei escrevê-lo, e não consigo agradecer o suficiente a Jean Taylor – e às mulheres que me inspiraram na sua criação.

Para Gary, Tom e Lucy,
sem os quais nada teria significado

Capítulo 1

Quarta-feira, 9 de Junho de 2010

A viúva

Ouço os passos dela na gravilha do carreiro. Calçado pesado, de salto alto. Já está perto da porta, hesitante e a sacudir os cabelos que lhe caem para a cara. Bem vestida. Um casaco com botões grandes sobre um vestido discreto, e os óculos encavalitados na cabeça. Não pertence às Testemunhas de Jeová nem ao Partido Trabalhista. Deve ser jornalista, mas é diferente. Hoje, é o segundo que recebo – esta semana já foram quatro, e ainda é só quarta-feira. Aposto que vai começar por dizer: «Peço desculpa por vir incomodá-la neste momento difícil.» É o que todos dizem, e arvoram uma expressão idiota. Como se realmente se preocupassem.

Vou esperar, para ver se toca duas vezes à campainha. O homem que veio esta manhã não o fez. Para alguns, é evidente que isto os aborrece de morte. Vão-se embora mal tiram o dedo do botão da campainha, a descerem o carreiro a toda a pressa, para se enfiarem nos automóveis. Podem sempre dizer ao chefe que bateram à porta, mas que ela não estava em casa. Uma vergonha.

A mulher toca uma segunda vez. Depois, desfere uma série de pancadas rápidas na porta. Como um polícia. Vê-me a espreitar pelo intervalo das cortinas e oferece-me um sorriso rasgado. Um sorriso de Hollywood, como a minha mãe costumava dizer. Em seguida, volta a bater.

Quando abro a porta, estende-me a garrafa de leite que estava na soleira e diz:

– É melhor não deixar isto cá fora, senão ainda azeda. Posso entrar? Tem a chaleira ligada?

Mal consigo respirar, quanto mais falar. Ela volta a sorrir, a cabeça um pouco inclinada para o lado.

– O meu nome é Kate. Kate Waters, jornalista do *Daily Post*.

– Eu sou... – gaguejo em resposta, e de súbito dou-me conta de que ela não perguntou.

– Sei quem é, senhora Taylor.

Sem pronunciar as palavras, é como se dissesse: *Você é a minha história*.

– É melhor não ficarmos aqui fora – prossegue, ao mesmo tempo que vai entrando.

Estou demasiado aturdida pela sucessão dos acontecimentos para conseguir falar. E ela interpreta o meu silêncio como autorização para se dirigir à cozinha com a garrafa de leite para me preparar uma chávena de chá. Sigo atrás dela. A cozinha não é grande, e ficamos um tanto apertadas enquanto se atarefa a encher a chaleira e a abrir todos os armários, à procura das chávenas e do açúcar. Fico de pé, imóvel, a deixá-la movimentar-se.

Começa a tecer comentários sobre a cozinha.

– Mas que cozinha tão amorosa. Bem gostaria de ter uma igual. Escolheu-a assim?

Parece que estou a conversar com uma amiga. Não era assim que imaginava, falar com um jornalista. Pensei que se parecesse mais com um interrogatório da polícia. Um tremendo sacrifício, um interrogatório. Foi o que disse Glen, o meu marido. Mas, não sei porquê, não me parece.

– Sim – respondo. – Escolhemos portas brancas e puxadores encarnados por darem um ar de asseio.

Estou na minha casa, em pé, a falar de cozinhas com uma jornalista. Glen era capaz de ter um ataque.

– É por aqui, não é? – pergunta, e abro a porta da sala de estar.

Não estou certa se a quero cá ou não – não sei bem o que sinto. Não me parece correcto protestar agora – quando já se sentou, a cavaquear com a chávena de chá na mão. É curioso, sabe-me bem a atenção que me dedica. Agora que Glen não está cá, sinto-me bastante sozinha dentro de casa.

Parece assumir o controlo da situação. É bom voltar a ter alguém que se ocupe de mim. Começava a entrar em pânico com a ideia de ter de enfrentar tudo sozinha, mas Kate Waters afirma que pode tratar das coisas.

Tudo quanto tenho a fazer é falar-lhe da minha vida, diz ela.

Da minha vida? Ela não quer de facto saber de mim. Não subiu o caminho para ouvir falar de Jean Taylor. O que ela procura é a verdade a respeito dele. De Glen. Do meu marido.

Estão a ver, o meu marido morreu há três semanas. Atropelado por um autocarro em frente do Sainsbury. Estava ali há um instante, a moer-me a cabeça por causa dos cereais que devia ter comprado, e no momento seguinte estava estendido na rua, morto. Lesões na cabeça, foi o que disseram. Morto, seja lá como for. Fiquei ali especada, a olhar para ele, estatelado no chão. Havia gente a correr de um lado para o outro, alguém trouxe umas mantas, e vi sangue no pavimento. Mas não muito. Ele havia de ter ficado satisfeito. Não gostava nada de ver coisas sujas.

Foram todos muito amáveis, a evitar que eu visse o corpo, mas não lhes pude dizer que estava contente por ele ter desaparecido. Que estava farta dos seus disparates.

Capítulo 2

Quarta-feira, 9 de Junho de 2010

A viúva

Como é evidente, a polícia apareceu no hospital. Até o inspector Bob Sparkles compareceu nas Urgências para falar acerca de Glen.

Não lhe disse nada, nem a ele nem aos outros. Que não havia nada para dizer, que estava demasiado transtornada para falar. Chorei um pouco.

O inspector Bob Sparkles já faz parte da minha vida há muito tempo – já lá vão mais de três anos –, mas estou esperançada em que desapareça contigo, Glen.

Não digo nada disto a Kate Waters. Está sentada no outro cadeirão da sala de estar, a acariciar a chávena de chá e a balançar o pé.

– Jean – diz ela; nada de senhora Taylor, deixou-se disso –, esta última semana deve ter sido terrível para si. Depois de tudo por quanto já passou.

Não respondo, de olhos baixos, pousados no colo. Não faz ideia daquilo por que passei. Ninguém faz. Nunca fui capaz de contar a ninguém. Glen dizia que assim era melhor.

Esperamos em silêncio, até que opta por uma abordagem diferente. Levanta-se e pega numa fotografia nossa que está sobre a lareira – uma fotografia onde estamos ambos a rir de qualquer coisa.

– Aqui parece tão nova – observa. – Foi antes do vosso casamento? Aceno.

– Quando se casaram já se conheciam há muito tempo? Conheceram-se na escola?

– Não, não foi na escola. Foi numa paragem de autocarro – esclareço. – Ele era muito atraente, e fazia-me rir. Eu tinha dezassete anos

e trabalhava em Greenwich como aprendiz de cabeleireira. Ele trabalhava num banco. Era um pouco mais velho, usava fato e calçava sapatos de boa qualidade. Era diferente.

Imprimo ao relato uma aura romântica, e Kate Waters parece devorar-me as palavras, a escrever no bloco, a olhar-me de vez em quando por cima dos óculos pequeninos e a fazer gestos de assentimento com a cabeça, como se estivesse a compreender. Mas não me engana.

Na verdade, à primeira vista Glen nada tinha de romântico. O nosso namoro desenrolou-se no escuro – no cinema, no assento traseiro do seu *Ford Escort*, no jardim – e não sobrava muito tempo para conversas. Mas recordo-me da primeira vez que disse que me amava. Senti um arrepio no corpo, como se de repente toda a minha pele ficasse sensível. Respondi-lhe que também o amava. Desesperadamente. Que não conseguia comer nem dormir, de tanto pensar nele.

Quando me via a vaguar sem objectivo pela casa, a minha mãe dizia que eu estava «fascinada». Não sabia bem o que queria dizer «fascinada», só sabia que queria estar com Glen a toda a hora, e ele disse que sentia o mesmo. Creio que a minha mãe sentia um pouco de ciúme. Contava comigo para a ajudar.

– Ela conta demasiado contigo, Jeanie – dizia Glen. – Não é saudável uma pessoa andar com a filha para todo o lado.

Tentei explicar-lhe que a minha mãe tinha medo de sair sozinha, mas Glen respondeu-me que ela estava a ser egoísta.

Era muito protector, arranjava-me um assento no *pub*, longe do balcão – «É demasiado barulhento para ti» – e nos restaurantes encomendava por mim, para que provasse coisas diferentes: «Vais ver que gostas disto, Jeanie. Prova um bocadinho.» E eu assim fazia, e às vezes essas coisas novas eram deliciosas. E se não fossem não me queixava, para não o melindrar. Quando o contrariava, refugiava-se no silêncio e eu detestava isso, pois sentia que o havia desapontado.

Nunca tinha saído com ninguém como Glen, alguém que soubesse o que queria da vida. Os outros rapazes não passavam disso mesmo – rapazes.



Dois anos mais tarde, quando Glen me propôs casamento, não o fez com um joelho em terra. Apertou-me muito contra si e disse:

– Tu pertences-me, Jeanie. Pertencemos um ao outro... Vamos casar.

Por essa altura, já tinha conquistado as boas graças da minha mãe. Levava-lhe flores.

– Uma coisinha para a outra mulher da minha vida – dizia, e ela ria-se, e depois conversavam acerca de Coronation Street ou da Família Real, e a minha mãe adorava.

Começou a dizer que eu era uma rapariga cheia de sorte, que ele me tinha feito sair da casca, que havia de fazer de mim alguém. Que iria cuidar de mim. Como fez.

– Como era ele nesse tempo? – quis saber Kate Waters, a inclinar-se para a frente para me encorajar a falar.

Quer saber como ele era antes de todas aquelas coisas medonhas.

– Oh, era um homem adorável. Muito carinhoso, nunca lhe chegava o que fazia por mim – respondo. – Sempre a trazer-me flores e presentes. Que eu era a mulher da sua vida. Aquilo fazia-me impar de orgulho. Só tinha dezassete anos.

Está entusiasmada. Toma notas de tudo nuns rabiscos estranhos, e levanta os olhos. Esforço-me para não rir. Sinto a histeria a apoderar-se de mim, mas desemboca numa espécie de soluço, e ela estende a mão para me tocar o braço.

– Não se enerve – aconselha. – Tudo isso já passou.

É verdade. Não há mais polícia, não há mais Glen. Acabaram-se os seus disparates.

Não sei bem quando comecei a chamar-lhes assim. Foi há tanto tempo que não me recordo. Estava demasiado empenhada em tornar perfeito o nosso casamento, a começar pela cerimónia em Charlton House. A minha mãe e o meu pai achavam que aos dezanove anos era muito cedo para me casar, mas conseguimos convencê-los. Bem, quem os convenceu foi Glen. Era tão determinado, tão dedicado a mim, que por fim o meu pai disse «Sim» e festejámos a ocasião com uma garrafa de *Lambrusco*.

Gastaram uma fortuna no casamento, pois eu era filha única, e passei imenso tempo com a minha mãe a olhar para revistas com vestidos de

noiva e a sonhar com o grande dia. O meu grande dia. Agarrei-me a essa ideia e preenchi a minha vida com ela. Glen nunca interferiu.

– Isso é o teu departamento – dizia, com uma gargalhada.

Dava a ideia de que também tinha o seu departamento. Pensei que talvez fosse o emprego; como ele dizia, era a ele que competia ser o principal ganha-pão.

– Sei que parece antiquado, Jeanie, mas quero cuidar de ti. Ainda és muito nova e temos uma vida inteira à nossa frente.

Ocorriam-lhe constantemente ideias formidáveis que me excitavam quando falava nelas. Ia ser o gerente da dependência e depois iniciaria o seu negócio. Para ser patrão de si mesmo e ganhar montes de dinheiro. Imaginava-o num fato de corte elegante, com uma secretária e um automóvel grande. E eu com ele.

– Nunca deixes de ser assim, Jeanie. Amo-te tal como és – pedia.

Comprámos o número 12 e mudámo-nos para cá depois do casamento. E ainda cá estamos, ao fim de tantos anos.

A casa tinha um jardim fronteiro, mas cobrimos o terreno com gravilha «para evitar o trabalho de cortar a relva», como disse Glen. Eu preferia a relva, mas Glen gostava de ver tudo bem arranjado. A princípio, depois de nos termos mudado, foi um pouco difícil, pois eu era um tanto desleixada. Lá em casa, a minha mãe estava constantemente a encontrar pratos sujos, meias desirmanadas e cotão debaixo da minha cama. Glen era capaz de sofrer um ataque cardíaco se visse uma coisa dessas.

Parece que estou a vê-lo agora mesmo, de dentes cerrados e os olhos apertados numa fresta, como quando me apanhou uma noite, logo ao princípio, a atirar as migalhas do tampo da mesa para o chão com a palma da mão, depois de termos tomado chá. Eu nem sabia o que estava a fazer – tinha feito aquilo centenas de vezes sem pensar, mas nunca mais repeti. Nesse aspecto foi bom para mim, a ensinar-me como fazer as coisas como devia ser, para que a casa estivesse sempre impecável. Gostava dela assim.

Ao princípio, Glen falava comigo sobre o seu trabalho no banco – as responsabilidades que tinha, a confiança que os empregados mais novos depositavam nele, as partidas que os membros do pessoal pregavam uns aos outros, o chefe, que lhe era insuportável – «Julga-se melhor do

que ninguém, Jeanie» – e as pessoas com quem trabalhava. Joy e Liz, no gabinete do fundo; Scott, um dos empregados de balcão, que era muito melindroso e corava por tudo e por nada; May, a estagiária que só fazia asneiras. Adorava ouvi-lo falar sobre o seu mundo.

Creio que também lhe falava no meu trabalho, mas ele regressava depressa às suas conversas sobre o banco.

– Ser cabeleireira não é bem uma actividade excitante – dizia ele –, mas tu trabalhas muito bem, Jeanie. Tenho muito orgulho em ti.

Queria que eu me sentisse bem consigo, dizia. E eu sentia-me tão segura por ter o amor dele.

Kate Waters está a olhar para mim, a fazer outra vez aquilo com a cabeça. É boa nisto, tenho de reconhecer. Nunca antes tinha falado a um jornalista, não contando as vezes que os mandei embora, e muito menos deixara um deles entrar-me em casa. Há anos que me andam a bater à porta, mas vêm e vão, nunca nenhum entrou cá em casa. Até hoje. Glen encarregava-se disso.

Mas agora já cá não está. E Kate Waters parece diferente. Confidenciou-me que sentia «uma ligação verdadeira» comigo. Como se nos conhecêssemos há muito tempo. Percebo o que ela quer dizer.

– A morte dele deve ter sido um choque terrível – diz ela, e volta a apertar-me o braço. Aceno com a cabeça, num gesto mudo.

Não lhe posso dizer que comecei a passar noites acordada, a desejar a morte de Glen. Bem, não propriamente a morte. Não queria vê-lo sofrer, fosse como fosse. Só desejava que ele não continuasse a andar por aí. Imaginava o momento em que recebia uma chamada da polícia.

– Senhora Taylor – diria o homem na sua voz cava. – Lamento, mas tenho más notícias para si.

A expectativa das palavras seguintes por pouco não me fazia soltar uma risada.

– Senhora Taylor, o seu marido morreu num acidente.

Via-me então – via-me mesmo – a soluçar e a pegar no telefone para ligar à mãe dele e contar-lhe.

– Mary – imaginava-me a dizer –, lamento, tenho más notícias. É o Glen. Morreu.

Apercebo-me do choque dela pela respiração ansiosa. E do desgosto. Sinto a compaixão dos amigos pela minha perda, toda a família reunida à minha volta. E depois, a excitação secreta.

Eu, a viúva chorosa. Não me façam rir.

Como é evidente, quando de facto aconteceu, senti-o com muito menor intensidade. Por um instante, a mãe dele pareceu-me tão aliviada como eu por tudo ter acabado, mas logo de seguida pousou o telefone e desatou a chorar pelo filho. E não houve amigos a quem dar a novidade, e só uns poucos membros da família se reuniram em meu redor.

Kate Waters diz qualquer coisa de ter de ir ao *toilette* e preparar outra chávena de chá, e eu deixo-a à vontade, estendo-lhe a minha caneca e indico-lhe o caminho lá para baixo, para a «casinha». Quando ela se vai embora, relanceio rapidamente os olhos pela sala, a certificar-me de que não há nada à vista que tenha pertencido a Glen. Nada que ela possa roubar, como uma recordação. Glen avisou-me. Contou-me uma infinidade de histórias sobre esta gente dos jornais. Ouço a descarga do autoclismo, ela reaparece com um tabuleiro e retoma a conversa de que devo ser uma pessoa extraordinária, tão leal.

Não afasto os olhos da fotografia do casamento, pendurada na parede por cima da lareira a gás. Éramos tão novos que parecíamos envergar as roupas dos nossos pais. Kate Waters apercebe-se do meu olhar e retira a fotografia da parede.

Inclina-se sobre o braço do meu cadeirão e ficamos as duas a olhar para ela. 6 de Setembro de 1989. O dia em que demos o nó. Não sei porquê, mas começo a chorar – as primeiras lágrimas sinceras desde a morte de Glen – e Kate Waters põe-me o braço sobre os ombros.